



LEGADO DE UM PROFESSOR: UMA HOMENAGEM A ANDRELINO DE OLIVEIRA CAMPOS

Denilson Araújo de Oliveira*



Andrelino de Oliveira Campos
(1949-2018)

Resumo: Buscou-se neste artigo apresentar uma homenagem ao professor Dr. Andreilino de Oliveira Campos, falecido em maio de 2018. Andreilino foi professor do departamento e do programa de pós-graduação em Geografia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ por mais de uma década. Deixou uma obra que produziu um marco nos estudos urbanos a partir da análise da questão racial.

Palavras-chave: Andreilino de Oliveira Campos.

Legacy of a teacher: a tribute to Andreilino de Oliveira Campos

Abstract: In this article we look for paying tribute to the Professor Andreilino de Oliveira Campos who died in May 2018. Andreilino was a professor of the department and the postgraduate program in Geography of the Teacher Training Faculty of Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) for more than a decade. He left a work that produced a milestone in urban studies from the analysis of the racial question.

Keywords: Andreilino de Oliveira Campos.

* Mestre e Doutor em Geografia pela UFF. Professor adjunto da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ) e Coordenador do NEGRA - Núcleo de Estudo e Pesquisa em Geografia Regional da África e da Diáspora. Email de contato: araujo.denilson@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Esse texto é uma homenagem ao professor e amigo Andreilino de Oliveira Campos, falecido em maio de 2018, que tem como objetivo construir um pequeno registro do seu legado. Além da relação de amizade e de sermos colegas de trabalho no departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ) entre 2005 e 2018, pude desfrutar de diversos momentos de debates com ele através de conversas formais e informais no corredor da faculdade, na sala do departamento de Geografia, na cantina, em almoços, em palestras que ministramos juntos na faculdade, em debates em escolas, na minha banca de qualificação e de defesa de doutorado na Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2011. Nas muitas conversas em sua sala de pesquisa e em cerca de 30 bancas de monografias de graduação, especialização, qualificação e dissertação de mestrado nas quais estivemos dialogando, a questão racial e a construção dos sujeitos eram os temas centrais. Foram muitos os momentos e lugares nos quais estabelecemos encontros, bons encontros como diria Spinoza, e fortalecemos reflexões e discussões acerca da luta contra o racismo no Brasil e como ele se inscreve no/com o espaço e a partir dele. Foram momentos ricos, de trocas, questionamentos, construções e aprendizagens. Nosso desafio neste artigo é apresentar algumas pistas do legado daqueles debates com o professor Andreilino.

De Pessoa a Sujeito

Andreilino encarnava uma multiplicidade. Ele mesmo dizia: “Você não é você. Você é a soma das pessoas que passaram pela sua vida”. Essa máxima de Andreilino, que muitas gerações de estudantes e colegas que o conheceram carregam, conduzia a sua prática em sala de aula e os seus escritos. Somos, como diria Sodré (2002, p. 24), inspirado em Nietzsche, um “edifício coletivo de diferentes almas”, pois carregamos mundos dentro de nós. Andreilino era isso, uma potência de mundos em exercício. Um homem que estava sempre com questionamentos, como lembra Fanon (2008), não se contentava com respostas prontas, rápidas e sem reflexão. Como um sofisticado intelectual que era, para Andreilino a boa pergunta interessava mais que uma possível resposta.

A trajetória de Andreilino foi de constante luta. Aos cinco anos de idade ficou  rf o. Na dedicação da sua tese de doutorado ele reforça que mesmo com o pouco tempo, a memória dos pais foi-lhe constitutiva do ser. Assim ele disse:

A Dolores e Dionísio (in memorian), mãe e pai não esquecidos.
Apesar de transcorrer meio século sem a presença dos dois, ainda

guardo na memória momentos que o tempo não foi capaz de apagar. A vida não permitiu que eu pudesse conviver mais do que cinco anos em sua companhia. Porém, de acordo com Rose Aruom, a formação principal é feita nos seis primeiros anos; eu tive cinco; essa talvez tenha sido a principal contribuição que alguém pôde ter na vida¹.

A sua transformação em um professor e, posteriormente, em um professor universitário tem uma relação com os seus diferentes enfrentamentos e a luta política antirracista através do movimento negro. Um dos seus alunos, após seu falecimento, lembrando a trajetória de luta do Andreilino postou, numa rede social, a seguinte história contada por ele²:

Regularmente, a polícia entrava no transporte coletivo que eu estava, e eu era quase sempre o único revistado. Justamente porque na maioria das vezes eu era o único negro do local. Um belo dia, a polícia entrou mais uma vez e eu abri um livro e comecei a ler. Incrivelmente não fui revistado e isso continuou a acontecer das vezes seguintes.

Ali eu percebi que tinha uma "arma" na mão.

Os livros foram a minha defesa pra tudo aquilo que eu passava e eu levei isso pra toda a minha vida.

Neste exemplo, a *arma da teoria*, lembrando Amílcar Cabral (2013), era compreendida por Andreilino como um dos instrumentos da luta antirracista do seu fazer cotidiano, a esfera institucional universitária. Buscava, insistentemente, construir uma teoria acerca do urbano que pudesse dar conta da espacialidade do violento racismo brasileiro.

Andreilino era um homem negro que estudou em colégio interno até os 17 anos. Antes da vida universitária ele trabalhou em lojas e fábricas. Terminou o antigo segundo grau (atual ensino médio) aos 24/25 anos. Graduiu-se em Geografia (1975-1980) pela Universidade Federal Fluminense (UFF), onde também se especializou em Planejamento Ambiental (1987). O movimento de passagem de Andreilino de pessoa a sujeito é fruto da luta do movimento negro de base acadêmica (RATTS, 2009). Andreilino participou do histórico Grupo André Rebouças coordenado por Beatriz Nascimento na UFF³.

O envolvimento com o movimento negro foi bastante amplo para alguns/umas acadêmicos/as. Questionaram a sociedade, a esquerda, os movimentos sociais de classe e de gênero e o próprio movimento negro. Deram novos sentidos ao fazer político social, racial e/ou de gênero. Sabendo do custo de ser negro no Brasil, tornaram-se negros/as ativistas intelectuais. Romperam com o lugar social subalterno, enfrentaram o racismo e/ou o sexismo. No entanto, algumas pessoas de referência neste campo tiveram suas trajetórias interrompidas com a morte em plena maturidade (RATTS, 2009, p. 82).

Durante os anos de 1988 a 2001 Andreilino atuou como professor na rede pública de ensino do Estado e do Município do Rio de Janeiro. Entre 1995 a 1998 fez o Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculando-se ao NuPeD (Núcleo de Pesquisa sobre o Desenvolvimento Socioespacial). Em 2005 sua dissertação de Mestrado, com algumas modificações e acréscimos, tornou-se livro com o título *Do quilombo à favela: a produção do 'espaço criminalizado' no Rio de Janeiro*. Logo se tornou uma referência na teoria sobre o urbano e nos estudos sobre favela e espaços criminalizados no Brasil. Marcelo Lopez de Souza (2005, p. 15), seu orientador, no prefácio deste livro definiu a obra como “um marco tanto intelectual quanto político, *lato sensu*” para a Geografia brasileira. Andreilino doutorou-se entre

os anos 2000 e 2006 também pelo programa de pós-graduação em Geografia da UFRJ. Tanto no mestrado quanto no doutorado foi orientado pelo Prof. Dr. Marcelo Lopes de Souza. Estava, no início de 2018, fazendo o seu Pós-Doutoramento com o professor Jorge Luiz Barbosa no programa de pós-graduação em Geografia da UFF.

De 1999 até seu falecimento (2018) foi professor do departamento de Geografia da FFP-UERJ. Um dos membros fundadores do *Coletivo de Professores Negros – Sempre Negro* – Andreilino era um dos primeiros professores com quem os calouros da faculdade se relacionavam. Professor de *História do Pensamento Geográfico*, a famosa HPG, demonstrava que a erudição deveria estar a serviço da formação de cidadãos críticos. Ademais, era também professor do programa de pós-graduação em Geografia e coordenador do Núcleo de Estudo Sociedade, Espaço e Raça (NoSER).

Andreilino fazia de preocupações árduas da epistemologia geográfica um debate cotidiano. Suas reflexões filosóficas a partir da Geografia buscavam um questionamento profundo nos debates, nas bancas com e através dos alunos. Sua base filosófica na leitura geográfica do mundo estava no filósofo francês de origem grega *Cornelius Castoriadis* e no filósofo alemão *Arthur Schopenhauer*.

O movimento do indivíduo para pessoa e sujeito da ação, e sua relação com o particular, o singular e o universal eram reflexões constantes na sua busca de compreensão e distinção política entre o lugar e o território. Ou seja, “assumir e valorizar o particular sem perder de vista o universal; mover-se no plano mais abstrato, sem jamais, esquecer-se de onde se fala, e por quais razões se fala aquilo que se fala” (SOUZA, 2005, p. 16-17). Andreilino sempre ressaltava o perigo de conceber o mundo negro apenas como território (que pressupõe conflito) e nunca como lugar (o espaço do encontro).

A Geografia proposta por Andreilino de Oliveira Campos é aquela, como bem disse Roberto Lobato Corrêa⁴, que produz um tipo de Geografia “que se volta para os negros, os pobres e seus espaços. Volta-se para as condições de vida nas favelas controladas pelo narcotráfico”. Em artigo escrito com Felipe Moura Fernandes e Astrogildo Luiz de França Filho, Andreilino afirmava que

Se queremos pretos e pardos como sujeitos da história, precisamos vê-los em movimento com os outros sujeitos que produzem o espaço urbano.

Em suma, a(s) história(s), por mais que deseje(m) produzir uma narrativa que se propõe universal, jamais pode(m) ignorar as mediações-movimentos do singular e do particular (2011, p. 138).

Seus estudos, ao colocar a questão racial como um dos dados fundamentais para abordagem do espaço, constituíram-se um importante legado à Geografia. Como disse Souza (2015) no prefácio do livro *Do quilombo à favela*, Andreilino contribui para um ‘olhar afrodescendente’ sobre as cidades brasileiras. Hoje seu livro é clássico na leitura do urbano brasileiro que historicamente silenciou as formas espaciais negras e as grafagens do racismo e do antirracismo. *Do quilombo à favela* expressa o combate ao racismo na produção acadêmica e a construção de um novo marco epistemológico/ontológico através da politização das agências e do campo negro.

Legado de Andreilino

Ser professor é investir no consciente coletivo. Nós fazemos isso o tempo todo. Os alunos, que seriam o objeto de mudança, acabam provocando a nossa própria mudança. E isso é o mais interessante, porque acaba subvertendo a lógica do que você proposto a fazer. É você quem muda (CAMPOS, 2007).

Conheci Andreilino acerca de 16 ou 17 anos atrás. Era mais ou menos por volta do ano de 2001 ou 2002. Estava indo conversar com o meu orientador, na época o professor Carlos Walter Porto Gonçalves, quando vi Andreilino pela primeira vez. Um professor universitário negro

discutindo questões filosóficas na Geografia era raro naquele momento. Apesar das ações afirmativas, infelizmente a presença de professores negros nos departamentos e programas de pós-graduação não traduz a realidade do povo brasileiro. Na época ainda era aluno de graduação, mas me recordo da sua fala. Andreelino falava da dificuldade em pautar o tema da questão racial na Geografia. Essa era a conversa que ele fazia com o professor Carlos Walter. Só reencontrei Andreelino anos depois quando me tornei professor contratado da Faculdade de Formação de Professores. Era o ano de 2005. “Andreelino Campos é o caso de coerente, sinérgica e inspiradora conjunção de caráter e obra, vida e trabalho” (SOUZA, 2005, p. 14). Numa dessas conversas que Andreelino me apresentou Abdias do Nascimento, uma revolução no meu pensamento acerca da leitura de Brasil. Ou como o próprio Andreelino escreveu: “No fim de cada jornada, muitos novos conhecimentos são incorporados” (2006, p. 11).

Era praticamente impossível não ser marcado por suas palavras e sensibilidade. Andreelino era um intelectual que fez profundas contribuições à Geografia a partir de seus questionamentos da análise do sujeito negro nesta ciência, mas também ele era um professor que não se dava ao populismo, era um provocador constante. Não se dava a falas fáceis e a modismos. Muitas vezes ele era incompreendido num primeiro momento. Sua influência filosófica de Castoriadis se consolidou através da reflexão e na busca da construção da autonomia e de Schopenhauer em seus questionamentos ao *mundo como vontade e representação* como processo de acolhimento do outro. Ele falava insistentemente na necessidade de encontrar no outro a extensão de si mesmo, como possibilidade de construção do diálogo. Andreelino afirmava que não dava aulas, mas sim fazia encontros. Víamos aí o sentido spinozista de *bons encontros*. Para Spinoza (2007) os *bons encontros* aumentam a capacidade de agir, de afetar e ser afetado, de pensar, de elevação da potencia de ser. Nesse instante no tempo-espço da sala de aula cria-se a possibilidade do bom encontro através da compreensão de si e do outro, no processo de aprendizagem mútua do professor e do aluno.

Erudito e com reflexões densas, Andreelino era adorado pelos alunos. Os alunos, em tom de homenagem, fizeram uma bandeira e cantavam: “Ohhhhh, Andreelino é melhor que o reitor”. Isso não o envaidecia, pelo contrário, ressaltava o seu compromisso coletivo. Em um dos seus últimos relatos, disponibilizados numa rede social dos professores do departamento de Geografia da FFP, acerca dessas homenagens dos alunos ele disse:

Pessoal, agradeço muito as homenagens que foram feitas. Fiquei muito feliz pela lembrança do esforço que fazemos né [sic]. Mas, também precisa lembrar que a minha possibilidade de trabalhar da forma como eu trabalho e a liberdade que eu tenho para fazer é de acordo com os colegas do departamento. Por que somos uma equipe que trabalhamos para o bem comum de uma comunidade que merece isso né [sic]. Tendo em vista que somos servidores públicos e para isso fomos contratados e temos que fazer sempre o melhor. Mas sobre as homenagens eu fico muito feliz. Agradeço pela lembrança. Isso reflete não só a minha atuação, como a atuação dos colegas também. Eu só posso sobressair porque os colegas sobressaem junto comigo. Obrigado! Beijos em todos!

Andreelino tinha uma intensa preocupação questionadora, mesmo nas conversas mais informais. Recordo-me das inúmeras conversas que tínhamos no corredor da faculdade com os alunos. O convite constante de Andreelino era uma atitude crítica do pensar e ser através da Geografia. Não existiam respostas fáceis e/ou reconfortantes. Eram questionamentos profundos, reflexões filosóficas e provocações críticas.

Fizemos neste período de cerca de 13 anos muitas trocas, diálogos, embates e aprendizagens. Destaca-se a sua constante preocupação em compreender os sujeitos. O seu lócus de enunciação para compreender o sujeito era o negro brasileiro e a Geografia. As bancas eram momentos em que, com e através dos alunos, produzíamos profícuos e intensos diálogos. Descortinar essas experiências de lutas espaciais negras constitui-se parte de seu legado.

Andrelino publicou uma vasta obra de grande importância para a Geografia e o pensamento social brasileiro. Organizou livros, publicou capítulos de livros, publicou artigos em periódicos nacionais e internacionais, publicou vários textos em jornais e revistas e artigos em anais de congressos. Mas creio que *Do quilombo à favela* é sua obra mais impactante. Entendemos que os *fronts* de pesquisas construídos por Andrelino deixaram o seguinte legado: 1- Os padrões de segregação racial dos espaços; 2- Desvelamento da segregação socioespacialmente induzida e o imaginário da violência urbana; 3- Observatório geográfico das transformações metropolitanas; 4- A construção do sujeito na Geografia a partir da questão racial; 5- A relação Lugar, Território e o Sujeito.

A grandeza do engajamento profissional de Andrelino, inseparável de sua biografia e de sua luta cidadã, está em clamar por universalidade ao resgatar, com elevado brio intelectual, ‘particularismo militante’, descortinando o amplo alcance de sua mensagem e as largas implicações de uma problemática que é central à formação socioespacial brasileira (SOUZA, 2005, p. 17).

Eis desafios a serem desdobrados pelos atuais e futuros geógrafas, geógrafos e pelos estudiosos sobre o urbano.

NOTAS EXPLICATIVAS

¹ Dedicção da sua tese de Doutorado.

² Disponível em: < <https://www.facebook.com/search/top/?q=andrelino%20de%20oliveira%20campos>>. Acesso em: 20 maio 2018.

³ “Nos anos 1970, vários/as jovens negros/as acadêmicos/as buscavam formar grupos de estudo e discussão da questão racial. Alguns núcleos priorizaram a atuação no âmbito universitário a exemplo do Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR), na Universidade Federal Fluminense em 1974 (RATTS, 2007, p. 37). Em São Paulo destaca-se o Grupo de Trabalho de Profissionais Liberais e Universitários Negros (GTPLUN) criado na Escola Paulista de Medicina em 1972 (ANDREWS, 1998, p. 299; SANTOS, 2006, p. 36-37)” (RATTS, 2009, p. 83). Ratts (2009) lembra que o GTAR foi fundado por Beatriz Nascimento e por várias outros universitários, sobretudo das áreas de Humanidades. Ele produziu uma agenda política da questão racial na academia, num contexto de ditadura e de um racismo institucional violento, realizando por vários anos a “Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira”.

⁴ Orelha do livro *Do Quilombo à Favela: a produção do ‘espaço criminalizado’* no Rio de Janeiro de Andrelino de Oliveira Campos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, A. *A Arma da Teoria. Unidade e Luta*. Praia, Cabo Verde: Fundação Amílcar Cabral, 2013. v. 1.
- CAMPOS, A. O. *Do quilombo à Favela: a produção de “espaços criminalizados”* no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- _____. *O Planejamento Urbano e a “invisibilidade” dos afrodescendentes: discriminação étnico-racial, intervenção estatal, segregação sócio-espacial na cidade do Rio de Janeiro*. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- _____. Entrevista concedida ao Jornal Apologia, em janeiro de 2007. Disponível em: <<https://www.jornaldaki.com.br/single-post/2018/05/21/Negritude-chora-a-perda-do-mestre-Morre-o-professor-Andrelino-Campos>>. Acesso em: 20 jun. 2016.
- CAMPOS, A. O.; FILHO, A. L. F.; FERNANDES, F. M. Entre indivíduos e sujeitos: lugares e territórios em movimento na metrópole. In: SILVA, C. A. (Org.). *Território e ação social: sentidos da apropriação urbana*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.
- FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

-
- RATTS, A. Encruzilhadas por todo percurso: individualidade e coletividade no movimento negro de base acadêmica. In: PEREIRA, A. M.; SILVA, J. (Org.). *Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil*. Belo Horizonte: Nandyala, 2009. v. 1. p. 81-108.
- SODRÉ, M. *Mestre Bimba: corpo de mandiga*. Rio de Janeiro: Manati, 2002.
- SOUZA, M. L. Prefácio: Um 'olhar afrodescendente' sobre as cidades brasileiras. In: CAMPOS, A. O. *Do quilombo à Favela: a produção do 'espaço criminalizado' no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- SPINOZA, B. *Tratado da Reforma do Entendimento*. São Paulo: Editora Escala, 2007.